

Pet 3486/DF\*

RELATOR: MIN. CELSO DE MELLO

**EMENTA:** LIBERDADE DE IMPRENSA (CF, ART. 5º, IV, c/c O ART. 220). JORNALISTAS. DIREITO DE CRÍTICA. PRERROGATIVA CONSTITUCIONAL CUJO SUPORTE LEGITIMADOR REPOUSA NO PLURALISMO POLÍTICO (CF, ART. 1º, V), QUE REPRESENTA UM DOS FUNDAMENTOS INERENTES AO REGIME DEMOCRÁTICO. O EXERCÍCIO DO DIREITO DE CRÍTICA INSPIRADO POR RAZÕES DE INTERESSE PÚBLICO: UMA PRÁTICA INESTIMÁVEL DE LIBERDADE A SER PRESERVADA CONTRA ENSAIOS AUTORITÁRIOS DE REPRESSÃO PENAL. A CRÍTICA JORNALÍSTICA E AS AUTORIDADES PÚBLICAS. A ARENA POLÍTICA: UM ESPAÇO DE DISSENSO POR EXCELÊNCIA.

**DECISÃO:** O ora requerente **postula** seja instaurado procedimento penal **contra jornalistas** da revista **Veja** (edição de 03/08/2005, págs. 75 e 125), **por vislumbrar** tenham eles praticado, **no exercício** de sua atividade profissional (fls. 06/07), *“crime de subversão contra a segurança nacional, que está colocando em perigo o regime representativo e democrático brasileiro, a Federação e o Estado de Direito e crime contra a pessoa dos Chefes dos Poderes da União (...)”* (fls. 02 – grifei).

**Observo**, no entanto, que as **pessoas** indicadas na petição de fls. 02/05 **não estão** sujeitas à jurisdição **imediate** do Supremo Tribunal Federal, **razão pela qual nada justifica** a tramitação originária, **perante** esta Suprema Corte, **do procedimento em causa**.

**Cabe assinalar** que a competência originária do Supremo Tribunal Federal, **por revestir-se** de extração eminentemente constitucional, **sujeita-se**, por tal razão, a regime de direito estrito, o que impede venha ela a ser estendida a situações **não contempladas no rol exaustivo** inscrito no art. 102, inciso I, da Constituição da República, **consoante adverte** a doutrina (MANOEL GONÇALVES FERREIRA FILHO, “Comentários à Constituição Brasileira de 1988”, vol. 2/217, 1992, Saraiva) e **proclama a jurisprudência** desta própria Corte (RTJ 43/129 - RTJ 44/563 - RTJ 50/72 - RTJ 53/776 - RTJ 159/28):

**“(...) A COMPETÊNCIA DO SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL - CUJOS FUNDAMENTOS REPOUSAM NA CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA - SUBMETE-SE A REGIME DE DIREITO ESTRITO.**

*- A competência originária do Supremo Tribunal Federal, por qualificar-se como um complexo de atribuições jurisdicionais de extração essencialmente constitucional - e ante o regime de direito estrito a que se acha submetida - não comporta a possibilidade*

## Get Up, Stand Up, Stand Up For Your Rights!

<http://georgemlima.blogspot.com>

*de ser estendida a situações que extravasem os limites fixados, em 'numerus clausus', pelo rol exaustivo inscrito no art. 102, I, da Constituição da República. Precedentes. (...)."*

(RTJ 171/101-102, Rel. Min. CELSO DE MELLO, Pleno)

A “*ratio*” subjacente a esse entendimento, **que acentua o caráter absolutamente estrito** da competência constitucional do Supremo Tribunal Federal, **vincula-se à necessidade de inibir indevidas ampliações descaracterizadoras** da esfera de atribuições institucionais desta Suprema Corte, **conforme ressaltou, a propósito do tema em questão**, em voto vencedor, o saudoso Ministro ADALÍCIO NOGUEIRA (RTJ 39/56-59, 57).

Desse modo, os **fundamentos** ora expostos **levam-me a reconhecer** a impossibilidade de tramitação originária **deste** procedimento perante o Supremo Tribunal Federal.

2. **Não obstante as considerações** que venho de fazer **no sentido** da plena incognoscibilidade do pleito ora formulado, **impõe-se observar** que o teor da petição em referência, **longe de evidenciar** supostas práticas delituosas **contra** a segurança nacional, **aleadamente** cometidas pelos jornalistas mencionados, **traduz**, na realidade, **o exercício concreto**, por esses profissionais da imprensa, **da liberdade de expressão e de crítica**, cujo fundamento **reside** no próprio texto da Constituição da República, **que assegura**, ao jornalista, **o direito de expender** crítica, **ainda** que desfavorável e **exposta** em tom contundente e sarcástico, **contra** quaisquer pessoas **ou** autoridades.

**Ninguém ignora** que, **no contexto** de uma sociedade fundada em bases democráticas, **mostra-se intolerável** a repressão penal ao pensamento, **ainda mais** quando a crítica – **por mais dura** que seja – **revele-se inspirada** pelo interesse público e **decorra da prática legítima**, como sucede na espécie, **de uma liberdade pública** de extração **eminentemente** constitucional (CF, art. 5º, IV, c/c o art. 220).

**Não se pode ignorar** que a liberdade de imprensa, **enquanto** projeção da liberdade de manifestação de pensamento e de comunicação, **reveste-se** de conteúdo abrangente, **por compreender**, **dentre outras prerrogativas** relevantes que lhe são inerentes, (a) o direito **de** informar, (b) o direito **de** buscar a informação, (c) o direito **de** opinar e (d) o direito **de** criticar.

A **crítica jornalística**, desse modo, **traduz** direito **impregnado** de qualificação constitucional, **plenamente oponível** aos que exercem **qualquer** parcela de autoridade no âmbito do Estado, **pois** o interesse social, **fundado na necessidade** de preservação dos limites ético-jurídicos **que devem pautar** a prática da função pública, **sobrepõe-se** a eventuais suscetibilidades que possam revelar os detentores do poder.

Uma vez dela **ausente** o “*animus injuriandi vel diffamandi*”, **tal como ressalta** o magistério doutrinário (CLÁUDIO LUIZ BUENO DE GODOY, “A Liberdade de Imprensa e os Direitos da Personalidade”, p. 100/101, item n. 4.2.4, 2001, Atlas; VIDAL SERRANO NUNES JÚNIOR, “A Proteção

Constitucional da Informação e o Direito à Crítica Jornalística”, p. 88/89, 1997, Editora FTD; RENÉ ARIEL DOTTI, “Proteção da Vida Privada e Liberdade de Informação”, p. 207/210, item n. 33, 1980, RT, v.g.), a crítica que os meios de comunicação social **dirigem** às pessoas públicas, **especialmente** às autoridades e aos agentes do Estado, **por mais acerba**, dura e veemente que possa ser, **deixa de sofrer**, quanto ao seu concreto exercício, as limitações externas **que ordinariamente resultam** dos direitos da personalidade.

**Lapidar**, sob tal aspecto, a **decisão** emanada do E. Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, **consubstanciada** em acórdão assim ementado:

*“Os políticos estão sujeitos de forma especial às críticas públicas, e é fundamental que se garanta não só ao povo em geral larga margem de fiscalização e censura de suas atividades, mas sobretudo à imprensa, ante a relevante utilidade pública da mesma.”*  
(JTJ 169/86, Rel. Des. MARCO CESAR - grifei)

Vê-se, pois, que a crítica jornalística, quando **inspirada** pelo interesse público, **não importando** a acrimônia e a contundência da opinião manifestada, **ainda mais** quando dirigida a figuras públicas, com alto grau de responsabilidade na condução dos negócios de Estado, **não** traduz **nem** se reduz, em sua expressão concreta, à dimensão de abuso da liberdade de imprensa, **não se revelando suscetível**, por isso mesmo, **em situações de caráter ordinário**, à possibilidade de sofrer **qualquer** repressão estatal **ou** de se expor a **qualquer** reação hostil do ordenamento positivo.

É certo que o direito de crítica **não assume** caráter absoluto, eis que **inexistem**, em nosso sistema constitucional, **como reiteradamente proclamado** por esta Suprema Corte (RTJ 173/805-810, 807-808, v.g.), direitos e garantias revestidos de natureza absoluta.

**Não é menos exato afirmar-se**, no entanto, que o direito de crítica **encontra** suporte legitimador **no pluralismo político**, que representa **um dos fundamentos** em que se apóia, **constitucionalmente**, o próprio Estado Democrático de Direito (CF, art. 1º, V).

Na realidade, e **como assinalado** por VIDAL SERRANO NUNES JÚNIOR (“A Proteção Constitucional da Informação e o Direito à Crítica Jornalística”, p. 87/88, 1997, Editora FTD), o **reconhecimento da legitimidade** do direito de crítica, **tal como sucede** no ordenamento jurídico brasileiro, **qualifica-se** como “*pressuposto do sistema democrático*”, **constituindo-se**, por efeito de sua natureza mesma, em verdadeira “*garantia institucional da opinião pública*”:

*“(...) o direito de crítica em nenhuma circunstância é ilimitável, porém adquire um caráter preferencial, desde que a crítica veiculada se refira a assunto de interesse geral, ou que tenha relevância pública, e guarde pertinência com o objeto da notícia, pois tais aspectos é que fazem a importância da crítica na formação da opinião pública.”*  
(grifei)

## Get Up, Stand Up, Stand Up For Your Rights!

<http://georgemlima.blogspot.com>

Não foi por outra razão que o Tribunal Constitucional espanhol, ao proferir as Sentenças nº 6/1981 (Rel. Juiz FRANCISCO RUBIO LLORENTE), nº 12/1982 (Rel. Juiz LUIS DÍEZ-PICAZO), nº 104/1986 (Rel. Juiz FRANCISCO TOMÁS Y VALIENTE) e nº 171/1990 (Rel. Juiz BRAVO-FERRER), pôs em destaque a necessidade essencial de preservar-se a prática da liberdade de informação, inclusive o direito de crítica que dela emana, como um dos suportes axiológicos que informam e que conferem legitimação material à própria concepção do regime democrático.

É relevante observar, aqui, que o Tribunal Europeu de Direitos Humanos (TEDH), em mais de uma ocasião, também advertiu que a limitação do direito à informação e do direito (dever) de informar, mediante (inadmissível) redução de sua prática “ao relato puro, objetivo e asséptico de fatos, não se mostra constitucionalmente aceitável nem compatível com o pluralismo, a tolerância (...), sem os quais não há sociedade democrática (...)” (Caso Handyside, Sentença do TEDH, de 07/12/1976).

Essa mesma Corte Européia de Direitos Humanos, quando do julgamento do Caso Lingens (Sentença de 08/07/1986), após assinalar que “a divergência subjetiva de opiniões compõe a estrutura mesma do aspecto institucional do direito à informação”, acentua que “a imprensa tem a incumbência, por ser essa a sua missão, de publicar informações e idéias sobre as questões que se discutem no terreno político e em outros setores de interesse público (...)”, vindo a concluir, em tal decisão, não ser aceitável a visão daqueles que pretendem negar, à imprensa, o direito de interpretar as informações e de expender as críticas pertinentes.

Não custa insistir, neste ponto, na asserção de que a Constituição da República revelou hostilidade extrema a quaisquer práticas estatais tendentes a restringir ou a reprimir o legítimo exercício da liberdade de expressão e de comunicação de idéias e de pensamento.

Essa repulsa constitucional bem traduziu o compromisso da Assembléia Nacional Constituinte de dar expansão às liberdades do pensamento. Estas são expressivas prerrogativas constitucionais cujo integral e efetivo respeito, pelo Estado, qualifica-se como pressuposto essencial e necessário à prática do regime democrático. A livre expressão e manifestação de idéias, pensamentos e convicções não pode e não deve ser impedida pelo Poder Público nem submetida a ilícitas interferências do Estado.

É preciso advertir, bem por isso, notadamente quando se busca promover, como no caso, a repressão penal à crítica jornalística, que o Estado não dispõe de poder algum sobre a palavra, sobre as idéias e sobre as convicções manifestadas pelos profissionais dos meios de comunicação social.

Essa garantia básica da liberdade de expressão do pensamento, como precedentemente assinalado, representa, em seu próprio e essencial significado, um dos fundamentos em que repousa a ordem democrática. Nenhuma autoridade pode prescrever o que será ortodoxo em política, ou em outras questões que envolvam temas de natureza filosófica, ideológica ou confessional, nem estabelecer padrões de conduta cuja observância implique

## Get Up, Stand Up, Stand Up For Your Rights!

<http://georgemlima.blogspot.com>

restrição aos meios de divulgação do pensamento. **Isso**, porque “*o direito de pensar, falar e escrever livremente, sem censura, sem restrições ou sem interferência governamental*” **representa**, conforme **adverte** HUGO LAFAYETTE BLACK, **que integrou** a Suprema Corte dos Estados Unidos da América, “*o mais precioso privilégio dos cidadãos...*” (“**Crença na Constituição**”, p. 63, 1970, Forense).

Vale registrar, finalmente, **por relevante**, fragmento expressivo da obra do ilustre magistrado federal SÉRGIO FERNANDO MORO (“**Jurisdição Constitucional como Democracia**”, p. 48, item n. 1.1.5.5, 2004, RT), **no qual põe em destaque** um “*landmark ruling*” da Suprema Corte norte-americana, **proferida** no caso “*New York Times v. Sullivan*” (1964), **a propósito** do tratamento que esse Alto Tribunal **dispensa** à garantia constitucional da liberdade de expressão:

*“A Corte entendeu que a liberdade de expressão em assuntos públicos deveria de todo modo ser preservada. Estabeleceu que a conduta do jornal estava protegida pela liberdade de expressão, salvo se provado que a matéria falsa tinha sido publicada maliciosamente ou com desconsideração negligente em relação à verdade. Diz o voto condutor do Juiz William Brennan:*

*(...) o debate de assuntos públicos deve ser sem inibições, robusto, amplo, e pode incluir ataques veementes, cáusticos e, algumas vezes, desagradáveis ao governo e às autoridades governamentais.” (grifei)*

**Concluo** a minha decisão: as **razões** que venho de expor **levam-me** a reconhecer que a pretensão deduzida pela parte requerente **não se mostra compatível** com o modelo consagrado pela Constituição da República, **considerando-se**, para esse efeito, as opiniões jornalísticas ora questionadas (*Veja*, edição de 03/08/2005), **cujo conteúdo traduz** – como precedentemente assinalei – **legítima expressão** de uma liberdade pública **fundada** no direito **constitucional** de crítica.

Sendo assim, **presentes** tais razões, e **tendo em vista** que este procedimento **foi impropriamente instaurado** perante o Supremo Tribunal Federal, **não conheço** da medida proposta pelo Advogado ora requerente.

**Arquivem-se** os presentes autos (RISTF, art. 21, § 1º), **incidindo**, na espécie, **para tal fim**, a orientação jurisprudencial **firmada** por esta Suprema Corte (**Pet 2.653-AgR/AP**, Rel. Min. CELSO DE MELLO – **MS 24.261/DF**, Rel. Min. CELSO DE MELLO - **AO 175-AgR-ED/RN**, Rel. Min. OCTAVIO GALLOTTI, v.g.).

Publique-se.

Brasília, 22 de agosto de 2005.

Ministro CELSO DE MELLO

Relator

*\* decisão pendente de publicação*

**Get Up, Stand Up, Stand Up For Your Rights!**  
**<http://georgelima.blogspot.com>**